

«DIOGO-CAÃO»

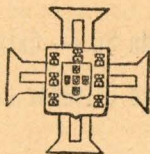
Revista Ilustrada

— de —

Assuntos Históricos Angolanos

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECIONADOS —



SUMÁRIO

«História Geral das Guerras Angolanas», por António de Oliveira de Cadornega, I tómo, 1680 — A obra monumental *Angola* do sr. coronel Felner — Conservação e estudo dos Arquivos Eclesiásticos e Civis — Lopes & Pigafeta ou o primeiro Livro impresso sôbre Angola — Impressões ou reparos de Viajantes sertanejos — Turismo angolano — Presídio de Muxima — Morcegos... históricos —

TIRAGEM : 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

== 1933 ==

«DIOGO-CAÃO»

= CAIXA POSTAL 362 =

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso
Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias:

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

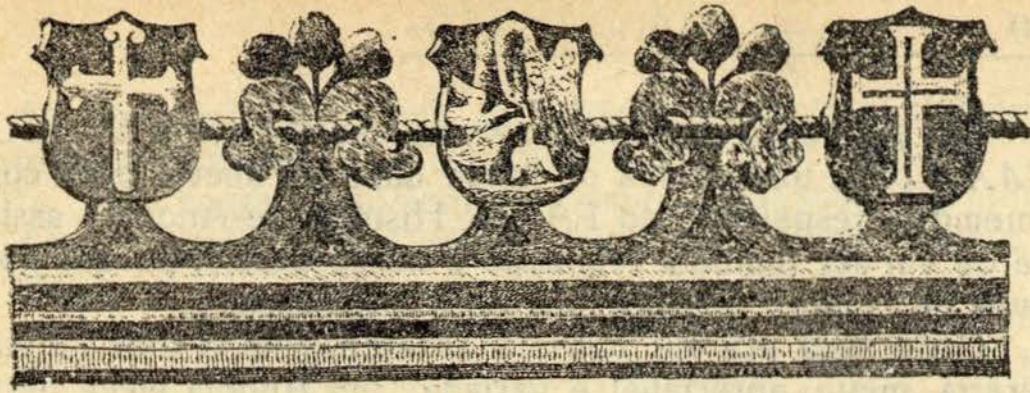
Preço do número avulso	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

Também ali se encontram à venda números da I série

Vendem-se algumas colecções da I série:

Os 10 números em brochura.....	55\$00
Num volume cartonado	60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa 3\$50



HISTÓRIA DE ANGOLA

— O passádo devia ensinar os homens, devia fazê-los reflectidos, devia pôr deante de seus olhos DOCUMENTOS, com que evitassem os precipícios, que a todo o instânte se apresentam na carreira da VIDA: contudo a desgraça de hoje não lembra àmanhã, e o peor é que o dia de ontem se recorda com desprezo. Nem um só Historiador, que bom eu conheça, desde a mais alta antiguidade deixou de trazer à memória o passádo para emênda do futuro, mas os homens não se pejam de lançar-lhe em rosto, com desdeza, que mente ou que a sua obra é inútil. . .

Canais de Figueiredo.

Os inéditos de CADORNEGA



M CADA SEMANA QUE PASSA, GASTAMOS cêrca de seis horas na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa: tivemos já a coragem e o gôzo de ler, de enfiáda, o I e III tomos da *História General das Guerras Angolanas* de António de Oliveira Cadornega.

Agora, como vão ver os nossos LEITORES, estamos a copiar o I tômo: cada vez mais aumenta em nós o AMOR pela História-de-Angola, não fantástica, mas documentada.

Por sua vez, a modestíssima empresa da revista *DIOGO-CAÃO* paga uma dívida de longa data em aberto para com a memória respeitável do PAI da História-de-Angola : assim fica ou vai ser também realizado o nosso desejo, porque gostamos de cumprir sempre as nossas promessas.

Cadornega era um patriota ardente e tinha uma cultura literária muito apreciável e variada : em Angola viveu perto de meio século e foi um verdadeiro colonizador, muito digno ou honrado.

Nas suas informações, por vezes não poucas, é incompleto : o seu estilo, por demasiado prolixo, não merece ou não é digno de imitação.

Os seus desenhos coloridos e feitos à péna são regionais : vamos dar alguns e diremos resumidamente o que significam.

Se prestarmos atenção aos assuntos económicos e administrativos, é fácil notar que Cadornega tinha as ideias do seu tempo ou época : em Angola e no Brasil, isto-é, de um e de outro lado do Atlântico, os factos são idênticos.

O Brasil fez-se à custa, principalmente, dos PRETOS de Angola.

Cadornega, na sua obra, tem a boa intenção de querer acertar : além do que viu ou se passou no seu tempo, ele também narra o que ouviu contar a pessoas antigas.

O nosso Ex.^{m.} amigo sr. Coronel Alfredo de Albuquerque Felner acaba de publicar um livro monumental — *ANGOLA* — que é digno de estudo e muito precioso : à vista ou confronto do *TEXTO & DOCUMENTOS*, que ali se encontram, Cadornega tem de ser lido com muitas reservas.

No seu belíssimo e patriótico trabalho literário, o sr. Coronel FELNER mostra a sua competência esclarecida, revela também uma investigação minuciosa nos arquivos portugueses : como militar e colonial, soube tratar o assunto dignamente. . .

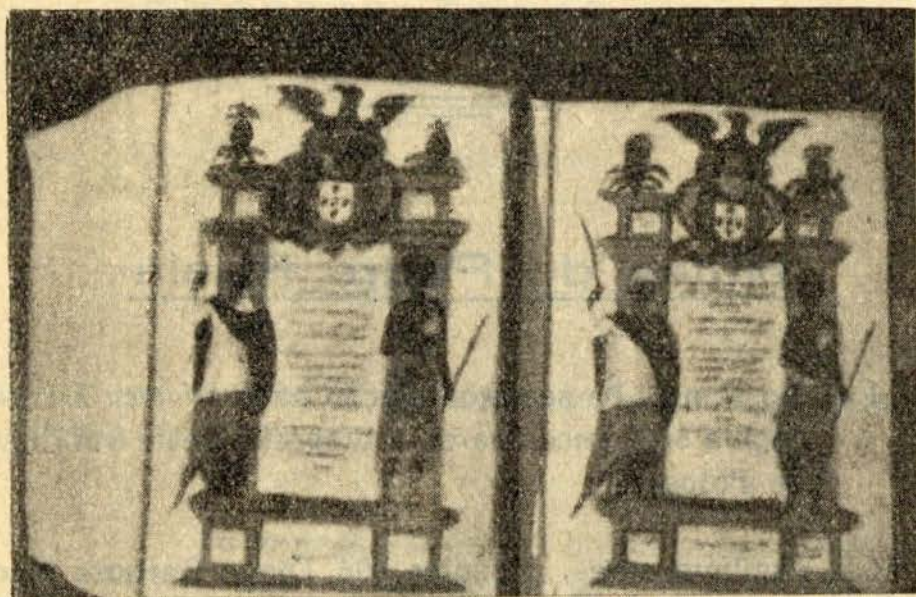
São 600 páginas — páginas maduras e saborosas e succulentas : o volume chega somente até à Invasão-Holandesa, mas ocupa-se de Congo, Angola e Benguela.

Por sua vez Cadornega, como ele próprio confessa, escreveu os seus três tomos em Luanda e sem poder consultar

documentos : no entanto, dá rigorosas e curiosas notícias das ubérrimas margens do rio Quanza, que bem conhecia.

Na nossa publicação seguimos o manuscrito autógrafo; daremos tudo o que Cadornega escreveu, interessante e pitoresco.

Com esta publicação dos Inéditos de António de Oliveira de Cadornega também queremos prestar a nossa HOMENAGEM saudável à memória do padre JOSÉ MATIAS DEL-



FRONTISPÍCIOS OU PORTÁDAS DO I E III TOMOS AUTÓGRAFOS
EM DESÉNHO COLORIDO
E FEITO À PÉNA PELO PRÓPRIO CADORNEGA

GADO, que foi ilustrado, mas modestíssimo, investigador da História-de-Angola.

No seu espólio literário existe, de facto, uma cópia anotada do I tómo de Cadornega, à espéra de... publicação.

Não falta já quem diga que os Inéditos de Cadornega são um *tesouro... fatídico*, mas nós não temos, absolutamente, o mínimo recêio de os publicar.

LISBOA. Dezembro/1933.

Padre RUELA.

Qualquer Livreiro pode encadernar este t6mo sem escr6pulo

Frei Crist6v6o de Foios

(Qualificador do Santo-officio)

N6tas do Padre Ruela

- I — No t6mo I da segunda edi76o da *Biblioteca Lusitana*, 6 p6gina 563, encontra-se a biografia d6ste frei Crist6v6o de Foios.
- II — Tamb6m antes, 6 p6gina 336, Diogo Barbosa Machado d6a not6cia de Cadornega e seus livros.
- III — Na Biblioteca da Academia das Ci6ncias de Lisboa :
- Aut6grafos de CADORNEGA, I e III t6mos, com a numera76o 77 e 78.
- C6pia dos t6mos I, II e III, com a numera76o 643, 644 e 645.
- N6mero 75. — *Descri76o da muito populosa e sempre leal Vila-Vi76osa*, oferecida a dom Lu6s de Meneses, conde de Ericeira. — Angola, 1683. 127 p6ginas aut6grafas de Cadornega.

António de Oliveira de Cadornega

História General
 — das —
Guerras Angolanas

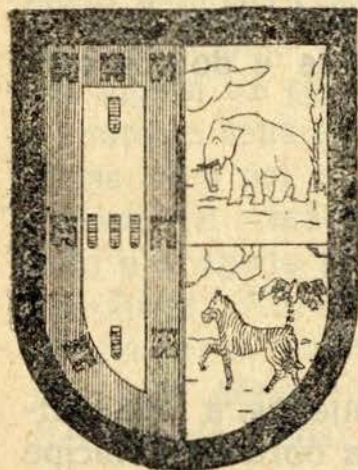
Tômo primeiro

LUANDA — 1680

Primeira parte, com 13 capítulos; segunda, com 9; terceira, com 8; quarta, com 4.

— Cadornega oferece ou dedica a sua *História General das Guerras Angolanas* ao príncipe regente dom Pedro II. — P. R.

Príncipe e Senhor Nosso



A OS REAIS PÉS DE VOSSA ALTEZA ofereço esta História General das Guerras Angolanas e alguns Successos particulares, acontecidos em o tempo dos Governadores e Capitães Gerais, que foram destes Reinos de Vossa Alteza, que Deus guarde; e, — como a matéria é grave, ainda que o sujeito, que a escreve, lhe falte eloquência pãra a colocar como merecia, — me não pareceu haver sujeito de Príncipe mais digno de sua DEDICATÓRIA, porque história de Reinos não pertence senão a pessoas régias; e por esta ser a PRIMEIRA que entendo se tem escrito destas tam

remotas pártes, as primeiras primícias dos primeiros frutos são dedicados a Deus ; e, como os Reis e Príncipes representam na terra a mesma Potestade e, à sua imitação, é do pouco fazerem muito, confiado o Autor desta história que esta pouquidade do seu disvêlo será engrandecida não pelo sujeito indigno de seu Autor, senão pela DEDICATÓRIA ser feita a um tam Alto e Poderosíssimo Príncipe Nosso Senhor, que muitos anos nos viva com muitas prosperidades, aumentos e felicidades em tôda a Cása-Real, como seus humildes Vassallos lhe desejam.

António de Oliveira de Cadornega.

Mostra o Autor a razão que teve
pâra fazer a DEDICATÓRIA des-
ta história ao Príncipe Nosso Se-
nhor que Deus guarde

Diz Séneca, no *Espelho de Benfeitores*, que o ser agradecido a benefícios a todos é agradável, e que a ingratição, até ao mesmo Deus, é aborrecível ; e confirma êste dizêr o famoso poeta e insigne escritor dom Luís de Gôngora, quando, falando em seus bizzaros e doutos versos, diz :

*El pagar obligaçõnes
grandes libertades hace,
el ricibir beneficios
estreixa cautividades.*

Pressupostas as razões de tam dignos sujeitos, a teve muitíssima o Autor em dedicar esta limitada obra ao Príncipe Nosso Senhor : a primeira — por ser seu Autor da muito sempre leal e real Vila-Viçosa, Côrte dos Sereníssimos Duques dos Estados de Bragança e Barcelos, Condestáveis do Reino

de Portugal, secundariamente — por ser bisneto de Damião Peres de Cadornega, cavaleiro fidalgo da Casa de Sua Magestade e executor de propriedade da comarca de Estremoz e naquela nobre vila morador, em cujo ofício recebeu sempre da Real Casa de Bragança hõnras e favores, assim de Sua Alteza a Sereníssima Senhora Dona Catarina, Bisavó de Sua Alteza, a que Deus guarde, como do Sereníssimo Senhor Duque Dom Teodósio, segundo de nome, seu Avô, a respeito das tenças que meu avô pagava, consignadas naquela Executoria e Comarca, e também por o irmão de meu avô, o padre Francisco de Oliveira, haver sido Criado e Capelão do Senhor Duque Dom Teodósio, estando com êle cativo em África, na perda de El-Rei Dom Sebastião; e, vindo dito padre daquele cativo, foi provido por vigário da Igreja-Matriz da vila de Olinda de Pernambuco e mamosteiro-mór dos cativos; e, entrando nos ducados de Bragança e Barcelos o Senhor Duque Dom Teodósio, por falecimento de seu pai o Sereníssimo Senhor Duque Dom João, mandou por Carta sua chamar ao Padre seu Capelão, tio do Autor, pãra lhe fazer mercê em gratificação de seus serviços, o que êle, por ser velho e não se pôr outra vez a risco de ser cativo, não a pôde conseguir.

Agradecendo a hõnra e lembrança que dêle tinha, lhe manifestou como em Portugal tinha sobrinhos onde podia empregar a mercê que a êle lhe queria fazer, pãra o que foi servido de mandar passar um Alvará de lembrança, que em nossa pequena casa havia, pãra uma Abadia da Beira, das muitas que aquela Real Coroa tem por aquelas pártes, havendo em algum de seus sobrinhos estudo e capacidade pãra isso; e, porque seus sobrinhos se deram mais às armas do que às letras, meu pai — António de Cadornega e Oliveira — tendo andado em armadas no serviço da Coroa de Portugal, foi provido e ocupado pela de Castela em ofícios honrosos em Buenos-Aires, Rio-da-Prata, servindo de oficial-maior da Real-Fazenda; e, vindo daquele serviço, foi roubado do Flamengo na costa dêste Reino de Angola, em tempo do govêrno de Fernão de Sousa, com que lhe não pareceu mais prosseguir no serviço daquela Coroa, querendo-o ocupar com acrescentamento; e dizia que com um pequeno pão da sempre Real Casa de Bragança se havia de contentar, e, vendo-se com fi-

lhos e atenuado de fazenda, por haver dado o ofício de Executoria de Estremoz à sua irmã — Dona Catarina de Azevedo, com que a casou com António Gonçalves Ferreira, se chegou ao ampáro e paz do Sereníssimo Duque Dom João Nosso Rei e Senhor, passando praça de cavaleiro fidalgo que era o fôro que seu pai tinha na Cása-Real, sendo primeiro tomado por escudeiro fidalgo, depois, ganhado o dito acrescentamento por seu braço às lançadas nas guerras de Africa e cidade de Seuta com mil e cem réis de moradia por mês e um alqueire de cevada por dia, que eram cinqüenta réis, o que tudo consta de seu Alvará.

A pouco tempo de sua assistência, vagou um ofício na vila de Ourém de escrivão de nótas, o qual, pedindo-o meu pai, lhe disse o Senhor Infante Dom Duarte, que era seu mais afeiçoado, que aquele ofício não era capaz para êle, que esperasse que vagasse outra cousa em que tivesse logar, ao que lhe respondeu que êle o não havia de servir, que o daria de serventia, e que, enquanto comia aquele pão, lhe faria a mercê que dizia, o qual ofício foi dado a meu pai e êle o dava de serventia; e, tirado o terço, lhe ficava para êle, um ano por outro, oitenta a noventa mil réis.

Com estas fatias de pão daquela sempre esclarecida Cása de Bragança fui eu sustentado e mais meus irmãos; e, por que eu não ficasse de fóra de seus favores, vindo à Lisboa com um irmão meu por nome Manuel Correia de Cadornega, que hoje vive e é morador na Vila da Vitória de Maçangano, tendo nós assentado praça de soldado nos Almazéns daquela Côrte, contra vontade de meu pai, que queria seguíssemos os Estudos, vendo-nos sem nenhum ampáro, estando o nosso Excelentíssimo Senhor, na éra de 639, da banda d'além, onde tinha vindo a instância de El Rei Dom Filipe, o quarto, sendo Governadora de Portugal a Infanta Dona Margarida, Duquesa de Mântua, tia do dito rei, a respeito de dizerem vinha uma poderosa armáda do Cristianíssimo Rei de França contra Portugal, viesse a preparar ou mandar preparar as Fortalezas e Gente de guerra como Condestável que era daqueles Reinos; outros ajuizaram: fôra outro o fim de que Deus o livrou para nele começar a renascer a Monarquia Lusitana — prometimento que Nosso Senhor havia feito no Campo-de-Ourique ao nosso primeiro Rei Dom Afonso

Henriques, que na décima sétima geração se atenuaria a linha real daqueles esclarecidos Reis, que, assim atenuada, poria seus Olhos de Misericórdia em aquele seu Reino, assim que aquele páрто estava guardado daquele tronco pâra nele se cumprir a palavra de Deus, como tam gloriosamente se viu cumprida.

Indo eu e meu irmão à banda de além de Almada, onde estava aposentado o nosso invicto Senhor, lhe pedimos: nos quisesse favorecer com uma Carta de favor pâra o governador Pedro César de Meneses com quem vinham embarcados (soldados) pâra Angola a servir nas guerras da conquista dêstes Reinos, e nos fez mercê de no-la mandar passar, dizendo a Manuel Caldeira de Castro, moço de guárda-roupa, levasse recádo ao secretário António Pais Viegas pâra a fazer, favor singular de suas Reais Mãos, que os Sereníssimos Duques de Bragança sempre souberam dar muito e pedir pouco, a qual Carta teve sempre em tanta estíma o Governador que, sendo aprisionado do Flamengo, onde lhe tomaram quanto possuía, teve indústria pâra a haver das mãos inimigas e a levou consigo, quando foi dêstes Reinos pâra Portugal, fazendo-lhe tanta veneração como o pudera fazer à mais devota Relíquia.

Assim que meu bisavô Damião Peres de Cadornega foi criádo da Cása-Real, meu avô Cristóvão Peres de Cadornega tomado nela por escudeiro fidalgo e acrescentado por seus serviços, depois de armado cavaleiro na guerra viva de Africa, a cavaleiro fidalgo, e dado-lhe em dóte, em tempo do Senhor Rei Dom Sebastião e da Rainha Regente Dona Catarina, com minha avó Violante Gomes de Azevedo o ofício da Executoria de Estremoz de propriedade, recebendo continuados favores da Real Cása de Bragança; e seu irmão e tio foi criádo e capelão; — meu pai António de Cadornega e Oliveira teve pão com que sustentar seus filhos; eu e meu irmão — hônras e favores com dita Carta.

Estas são as obrigações que me acompanham, pâra tomar confiança de fazer a Dedicatória desta *História das Guerras Angolanas* ao Príncipe Nosso Senhor, Dom Pedro, Governador Regente dos Reinos de Portugal e suas Conquistas, que muitos anos nos viva, e o guarde Deus.

— Como é fácil de ver, Cadornega escreve períodos muito compridos. — Compreende-se a boa ligação de seu pensamento literário ou histórico, mas não respeita lá muito as régras gramaticais. — Declara modestamente não só a falta de competência para esta empresa, mas também a origem ou fonte das suas notícias. — P. R.

Ao Leitor :

Por ter visto e lido que de tôdas as Conquistas, que teve a Nação Portuguesa, assim em tempo que reinaram os Sereníssimos Reis de Portugal, como em o que esteve unido ao de Castela, e assim depois da feliz aclamação do Senhor Rei Dom João, o quarto, de saúdosa memória, houve por tôdas as pártes do Mundo, em que os Portugueses tiveram tam maravilhosas proezas por mandádo de seus Reis e exaltação da Fé Católica e seu Serviço: em Portugal e Africa conta suas proezas o dr. Pedro de Mariz em a recapitulação das Crônicas dos Senhores Reis de Portugal, João de Barros e Diogo de Couto nas décadas que escreveram dos prósperos e adversos Sucessos que em tempo dos Governadores e Vice-Reis da India houve em seus governos naquele Estádo, e agora novamente recopilado e emendado com tanta elegância e erudição por Manuel de Faria e Sousa, onde se dá mais claras notícias pelo que o decurso tempo mostrou:

E agora escrevendo o General das Frotas do Brasil e Governador que foi de Pernambuco — Francisco de Brito Freire — as Guerras Brasíliaicas com tanta bizarrria e elegância e verdade, — só dos Reinos de Angola e suas Conquistas, onde havia tanto que escrever, onde não houve menos Sucessos prósperos e adversos, depois que foi descoberto e se começou a conquistar até o presente, sem haver quem tomasse à sua cõnta, e, por não ficarem cousas de tanta consideração em esquecimento, o que obraram os Portugueses em o Ser-

viço da Coroa de Portugal e exaltação da Santa Fé Católica entre tantos bárbaros idólatras, inimigos da sua santa Lei, — me dispus a fazer êste compêndio, que assim se pode chamar pelo muito que se pudera escrever.

O ser com pouca elegância — nasce do meu fraco talento.

Servirá pãra animar a que haja quem com melhor estilo o pondere, lime e escreva, as quais notícias darei por haver 40 anos que assisto neste Reino de Angola, vindo a êle por soldádo, servindo ao Príncipe Nosso Senhor na éra de 639, em companhia do Governador e Capitão Geral Pedro César de Meneses, e das notícias, que tomei dos Antigos com quem falei e conversei, que assistiram nas ditas Conquístas; quando não seja em tudo, será em pãrte conforme minha Lembrança e de alguns PAPÉIS que vi daqueles tempos em a Vila da Vitória de Maçangano, onde assisti na Conquista efectivamente perto de 30 anos, sendo nela soldádo, alferes e capitão.

Neste tempo direi o que vi e fiz em ocasiões de guerra em que me achei, assim nas que se fizeram no sertão ao gentio como no que se obrou no decurso de 7 anos que o Flamengo ocupou êstes Reinos.

Do hábito de soldádo se não deve esperar curiosidades, pois os que militam, não têm tempo pãra elas, o que só se notou no famoso Imperador Júlio César que, o que obrou de dia com a espada, escrevia de noute com a pãna, como se vê nos seus *Comentários*, e no insigne poeta Luís de Camões que juntamente foi soldádo e escritor, como o mostram as suas tam deleitosas poesias nos seus *Lusíadas*.

Servirá só esta minha curiosidade e disvêlo de dar notícias ao Mundo, e curiosas na verdade; e, se em alguma cousa se me equivocar, não será nos Sucessos senão no tempo em que sucederam, por não haver hoje nestes Reinos notícias que os distingam, porque, em o tempo que se escreve esta — *História General das Guerras Angolanas*, é o Autor o mais antigo que neles há; e, começando, irá discorrendo pelos governos antigos e modernos pãrte dos sucessos que nestes Reinos houve.

PRIMEIRA PÁRTE

Capítulo primeiro

Reinos de Sebaste. — O pôrto de Pinda. — Reino de Congo. — Os Jagas. — Antropofagia. — Escravatura. — Comércio. — Traição. — As duas viagens de Paulo Dias de Novais. — O pôrto e ilha e povoação de Luanda.

1. — Cadornega diz que escreve esta História nos Reinos-de-Sebaste e dá a razão dêste primeiro nome oficial, que teve Angola, mas que não pegou. — Descreve o pôrto de Pinda, no Reino-de-Congo. — P. R.



Nestes Reinos de Sebaste, Conquista de Etiópia, que êste nome lhe deram os Antigos por haver começado suas Conquistas em tempo do Senhor Rei Dom Sebastião, de lastimosa memória, e haver sido seu descobrimento por Diogo Caão em tempo do Senhor Rei Dom João, o segundo, chegando ao Río-de-Congo, chamado o Zaire, pôrto de Pinda, assênto do Conde-de-Sônho, vassalo del rei de Congo, como o relatam as nossas Crónicas, (feita sua recopilação pelo escritor Pedro de Mariz), Damião de Góis na Crónica do Se-

reníssimo Rei Dom Manuel, Manuel de Faria e Sousa novamente no seu Epítome :

O pôrto de Pinda dista da cidade de Sam-Paulo da Assunção, a sotavento, em 4 graus da banda do sul, onde se conserva ainda nestes tempos o nome de Padrão, posto pelo dito descobridor Diogo Caão.

2. — Os Portugueses dão auxílio ao Rei-de-Congo, atacado pelos carniceiros Jagas — P. R.

Alguns Portugueses, que foram, por via do pôrto de Pinda e condado de Sônhô ao Reino-de-Congo, ajudaram aqueles Reis em suas conquistas e a defendê-los de alguns exércitos de Jagas, que desceram da Serra-Leôa a infestar aquele, em cuja defesa se mostraram e assinalaram aqueles Portugueses valerosamente, defendendo o dito Rei de tamanhas opressões, alcançando muitas vitórias dos ditos Jagas e mais gentio inimigo daquela Coroa, que, além de serem mui destros Soldádos e exercitados nas armas, eram mais temidos pelo úso em que professavam em comerem carne humana, que era o seu mais regalado sustênto, de que ainda têm por costúme os que daí procedem de que é composto o quilombo da Rainha Ginga e de Cabugo, e o quilombo de Cassangi, potentado grande que tem dominado pelo sertão dentro muitas províncias e nações de diversas línguas, com quem fazem os Portugueses resgáte de peças que servem de utilidade ao comércio e muito mais ao serviço de Deus e bem daquelas almas, porque, com êstes resgátes, se evitam a não haver tantos açougues de carne humana ; e, instruídos na Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, indo baptizados e catequizados, se embarcam pãra as pãrtes do Brazil ou pãra outras que têm úso católico, tirados de gentilidade e redimindo-lhes as vidas com que se faz Serviço a Deus e Bem ao Comércio.

O quilombo da Rainha Ginga, que agora tem êsse nome, é nos tempos antigos o de Angola-Aquilóangi, é também composto como o dito é, pãrte dêles dos mesmos Jagas em costúmes e ritos como os mais desta profissão ; no tempo de

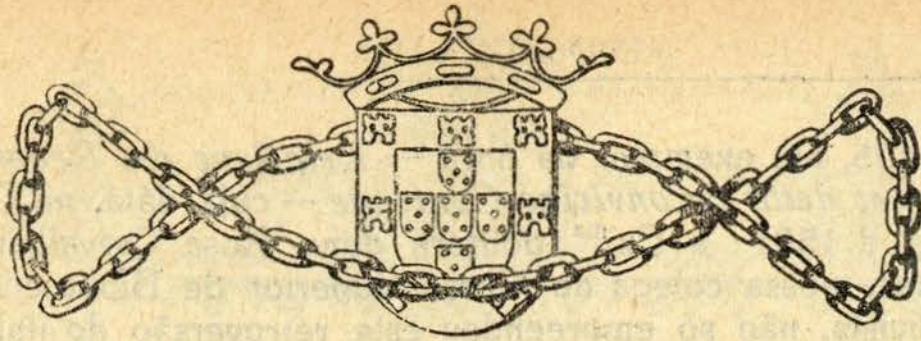
hoje há nele alguma gente baptizada, como também no quilombo de Cassangi, depois que lá entraram os Missionários Apostólicos Capuchinhos Italianos.

3. — A notícia do esforço português chega aos ouvidos do Rei-de-Angola — P. R.

E tornado ao esforço com que se houveram os Portugueses na defesa e ampáro del-rei de Congo, foi sua fama correndo de qualidade que vendo-se el-rei de Angola oprimido e molestado também daqueles cruéis e carniceiros Jagas que desceram tantos de suas terras que a tudo abrangiam, imitando aos Godos, quando desceram de suas terras e fizeram suas entradas tam potentes no Império, Espanha e Itália e em outras pártes; sabendo o dito rei de Angola o esforço e valor com que se tinham mostrado e havido os Portugueses, mandou os seus Embaixadores ao rei de Congo, pedindo-lhe: lhe mandasse os *mundelis* (brancos), ou pártes dêles, pára o ajudarem a defender de seus Inimigos.

Ouvida por aquele Rei sua embaixada, mandou a maior pártes dos Portugueses, que em seu Reino havia em favor de quem os impetrava, os quais, chegados que foram, obram em sua defesa cousas grandes e valerosas, defendendo aquele Rei de Angola de seus Inimigos, alcançando com dita ajúda dos Portugueses grandes e assinaladas vitórias de todos seus Inimigos.

(Continua).



NO TEMPO DOS FILIPES...

ANGOLA-MENINA

—... vemos... DUARTE LOPES ir por embaixador do rei de Congo dom Álvaro II ao pápa Xisto V e a Filipe II, rei de Espanha e Portugal, a representar sobre a condição deplorável em que, àquele tempo, se achava ali o Cristianismo, e a pedir missionários.

Foi então que LOPES relatou a Filipe Pigafeta suas observações enquanto estivera em Africa durante os anos de 1578 a 1587, e essa relação, com o título de *Relatione del Reame di Congo*, foi publicada por Pigafeta em Roma, no ano de 1591.

Richard Henry Major.

Advertência Literária



ESPEITOSAMENTE, CHAMAMOS desde já a honrada atenção de nossos ilustrados Leitores para as páginas do nosso número 6, porque estamos certos de que não gastam mal o seu tempo: nunca em actos de nossa vida fomos egoísta, ou invejoso porque sentimos grande prazer quando partilhamos com

o Público as nossas consolações literárias.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, que freqüentamos cotidianamente, existe na secção de Reservados, e com o nú-

mero 495, um exemplar da obra — *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine Contrade* — cuja data, na Dedicatória, é 1591: a Ex.^{ma} doutora dona Rosa Carvalheira y Capeans, nossa colega do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, não só empreendeu esta retroversão do italiano para português, como também enriqueceu o seu trabalho com preciosas notas muito variadas.

Vamos publicar, em língua portuguesa, a PRIMEIRA obra impressa que, *ex professo*, trata de ANGOLA. Contém, é certo, muita fantasia e muitos exageros, se não erros, mas nem por isso tudo deixa de ser muito curiosa, para o seu tempo.

— *No século XVI, quando DUARTE LOPES publicou o resultado de suas explorações na África, não havia os meios de investigação, de descrição e publicação que hoje possuímos. Não havia os instrumentos geodésicos e topográficos, que hoje permitem notar de pressa e bem a configuração do solo; não havia a fotografia, que permite reproduções fiéis; não havia museus para inventariar, classificar e guardar colecções de história-natural...*

No fim do século XVI, conhecia-se muito melhor a Africa Equatorial, entre o Nilo e o Zaire, do que hoje, depois das viagens de Speke, de Livingstone, de Stanley, de Brazza, de Serpa Pinto: mas sabia-se menos descrevê-la. —

Estas linhas são de Léon Cahun, no prólogo ou introdução desta obra, em francês, publicada em 1883.

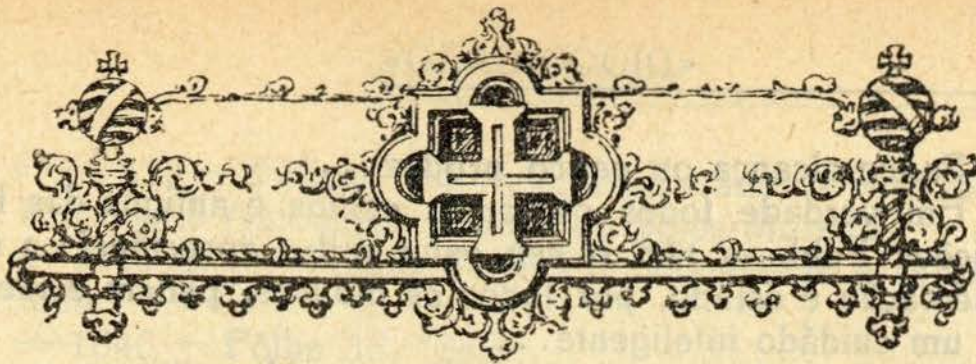
Com a devida autorização de nossa ilustrada Colega e Colaboradora, vamos tirar duzentos exemplares em separata.

Embora modestamente, DUARTE LOPES & FILIPE PIGAFETA vão assim receber da empresa da revistinha *DIOGO-CAÃO* aquela HOMENAGEM LITERÁRIA a que, nas páginas da História-de-Angola, têm todo o direito.

A obra *Relação do Reino de Congo* está dividida em dois Livros: o primeiro — com treze capítulos, e o segundo — com dez.

LISBOA, Natal de 1933.

Padre RUELA.



História Eclesiástica

Pas de documents — pas d'histoire.

Com Licença...



Ó, FEDOR, TRÁÇAS, ARANHAS, barátas de todos os tamanhos e côres, formigas, grilos, escorpiões, aribundos, sardaniscas ou osgas, cóbras, ratinhos & ratos & ratazanas, — é, caros, e também cacos, Leitores, com esta fauna destruidora ou nojenta bicharada que o antiquário, profissional ou simples amador, se encontra no seu trabalho ou búscas pelos arquivos... . quasi abandonados de Angola!!!...

Tal paixão ou madureza ou curiosidade não é um... des-
pôrto fácil ou higiênico, não é uma... profissão limpa ou as-
seada : experimentem.

Nem agradável. Nem cómoda.

Robustez regular, preparação literária especial, paciência fradesca ou beneditina, tempo sem medida, socego do espírito, esperança constante, prazer científico e patriótico, uma cultura geral, — engenho & arte — sem estas qualidades físicas e morais, provadas, pouco alcança o investigador nas suas pesquisas.

Pouco alcança ou pouco produz...

Em verdade, todos os papéis velhos e antigos das Repartições Públicas têm o seu valor útil e apreciável: a sua conservação e estudo, por todos os motivos, pedem e merecem um cuidado inteligente...

Nomes e factos, a vida militar, a vida religiosa, a vida económica, a administração política — de tudo isto encontra o investigador preciosos elementos ou dados ou informações verdadeiras e precisas nos Livros do Presídio da Muxima: vão já ver.

A esta região histórica da Quiçama ninguém sabe o FUTURO que lhe está reservado...

Muxima, Agosto/1933.

Padre RUELA.

ARQUIVO RELIGIOSO DE MUXIMA

I — No Cartório Paroquial

Para facilitar o estudo e busca, o nosso primeiro cuidado ou trabalho foi catalogar devidamente os Livros e Cadernos que encontramos desordenados e amontoados num canto da Sala-Consistório da nossa Igreja: fizemos 11 lótes e numerámos ou pusemos os respectivos rótulos em tôdas as peças ou espécies. Estão agora arrumados numa estante.

Vamos também aqui dar outros elementos de identificação e autenticidade.

PRIMEIRO LÓTE: Inventários (Inv.)

Fôlhas, Cadernos e Livros dos Inventários de tôdas as preciosidades, bens e mais objectos pertencentes à Junta-de-Paróquia:

I — 1838 — Fôlhas 1, 4, 5, 6. Numeradas e rubricadas pelo Presidente António Francisco de Sales Moreira.

— 1845 (?) — Fôlhas 34 e 35. Numeradas e rubricadas, idem.

— 1846 — Fôlha 36. Idem.

— 1848 — Fôlhas 40 a 46. Idem.

— 1849 (?) — Fôlha 50. Idem.

II — 1850/1860 — 48 Fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúbrica por José Joaquim Borralho, comandante do Presídio.

III — 1860/1911 — 293 fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúbrica por António Gomes Serrão, alferes e Chefe do Concelho.

IV — 1912 — Fôlhas 24 a 36. Sem rúbrica. Tem assinaturas do pároco Padre José Pereira da Costa Frota, do pároco Padre Agostinho de Sousa e do administrador Pedro Francisco de Sousa, Major da 2.^a linha.

V — 1913... Em úso — 149 fls. 6 a 15, numeradas à parte e rubricadas por Pio do Amaral Gorgel Lebre. Entréga do pároco padre Manuel Filipe Santiago, a 25 de Maio de 1929, às fls. 51, v. 53. — Padre Ruela — fls. 53 v. e 54.

SEGUNDO LÓTE: Receita

& Despesa (Rd.)

Livros ou Cadernos de Receita e Despesa:

I — 1838 — 13 fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúbrica por António F. de Sales Moreira, Presidente.

II — 1839 — 15 fls. idem.

III — 1840 — 47 fls. Idem.

IV — 1841 — Falta.

V — 1842 — 17 fls. Presidente Sales Moreira.

VI — 1843 e 1844 — 22 fls. Idem.

VII — 1845 — 22 fls. Abertura, rúbrica e encerramento do Presidente Manuel Correia da Rocha.

VIII — 1846 e 1847 — 60 fls. Abertura e rúbrica do

Presidente Gaspar dos Reis Claro e Barros — Falta a fôlha com o termo de encerramento.

IX — 1848 — 26 fls. Falta a fôlha do termo de abertura. Rúbrica e termo de encerramento pelo Presidente Faustino Fernandes Cardoso e Guerra.

X — 1849 — 28 fls. Idem. Só estão rubricadas as fôlhas 1 a 18.

XI — 1850 a 1854 — 103 fls. Não tem termo de abertura. Fls. 1 a 85 rubricadas pelo chefe do concelho Borrvalho. Termo de encerramento por Manuel Correia da Rocha, Presidente.

XII — 1854 a 1857 — 153 fls. Têrmos de abertura e encerramento pelo escrivão da Junta Manuel de Jesus Machado. — Tôdas as fls. foram rubricadas pelo comandante do Presídio Francisco José da Máta.

XIII — 1858 a 1859 — 29 fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúbrica por João Cardoso de Guerra e Matos, Presidente.

XIV — 1860 a 1882 — 298 fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúbrica por António Gomes Serrão, alferes chefe.

XV — 1883 a 1891 — 140 fls. Têrmos e abert. e encer. e rúb. pelo administrador do concelho João Gualberto Esteves de Carvalho.

XVI — 1891 a 1898 — 150 fls. Têrmos de abert. e enc. e rúb. pelo Chefe do Concelho alferes José Lúcio da Fonseca Saraiva Caldeira.

XVII — 1898 a 1899 — 50 fls. Têrmos de abert. e enc. e rúbrica pelo Chefe do Concelho Apolinário Francisco de Carvalho.

XVIII — Falta.

XIX — 1907 a 1913 — 100 fls. Têrmos de abert. e enc. e rúb. pelo Chefe do Concelho Pedro Francisco de Sousa, Major da 2.^a linha.

XX — 1913 a 1929 — 149 fls. Têrmos de abert. e encerramento pelo Secretário-Substituto Lourenço Fernandes. Rúbrica-carimbo do mesmo.

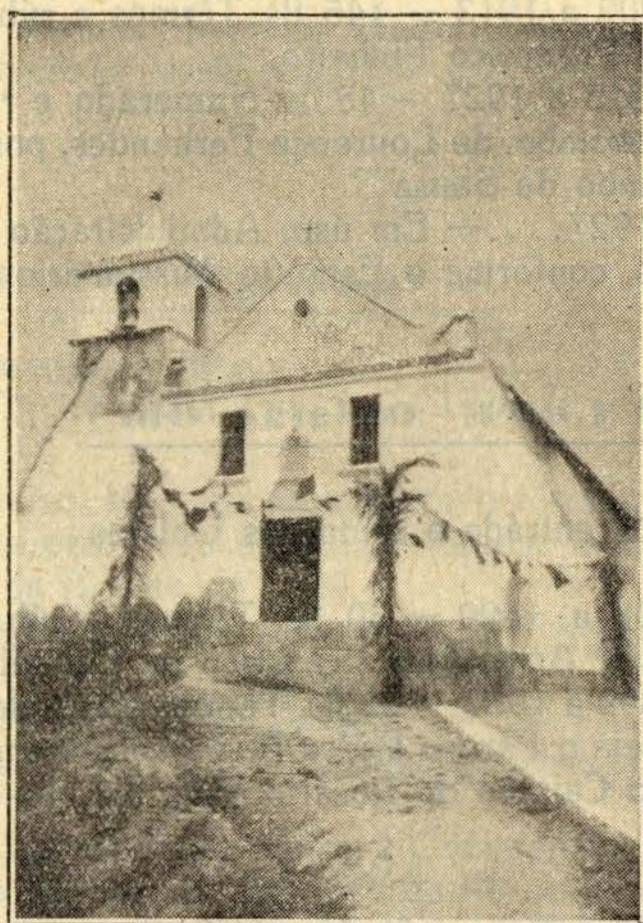
XXI — 1930... — Em úso. — 32 fls. Têrmos de abertura e encerramento e rúb. pelo pároco padre Manuel Ruela Pombo.

TERCEIRO LÓTE: Actas (Act.)

Cadernos e Livros das Actas :

I — 1844 a 1845 — 18 fls. Sem têrmos de abertura, nem enc., nem numeração, nem rúb.

II — 1846 a 1847 — 66 fls Idem.



MUXIMA — SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

III — 1848 — 17 fls. Idem.

IV — 1849 — 13 fls. Idem.

V — 1850 a 1859 — 125 fls. Têrmos de abert. e enc. e rúbrica do Presidente Manuel Correia da Rocha.

VI — 1859 — 11 fls. Têrmo de abertura e rúbrica de

João Cardoso da Guerra e Matos, Presidente. Falta o t. de enc.

VII — 1860 a 1881 — 301 fls. Falta o t. de abert. Rúbrica e t. de enc. pelo Presidente João Cardoso.

VIII — 1882 a 1893 — 200 fls. Têrmos de abert., enc., e rúb. pelo Presidente Interino Salvador Fernandes Claro Maria do Carmo.

IX — 1893 a 1902 — 149 fls. Têrmos e rúbrica do chefe do concelho José Lúcio da Fonseca Saraiva Caldeira, alferes do exército.

X — 1902 a 1913 — 145 fls. Têrmos e rúb. pelo pároco padre Carlos Francisco Pinheiro.

XI — 1913 a 1927 — 48 fls. Numerado e rubricado com a nome, em carimbo, de Lourenço Fernandes, por comissão do padre Agostinho de Sousa.

XII — 1927... — Em uso. Administração dos Párocos-Missionários, conforme o Estatuto Missionário.

QUARTO LÓTE: Oblatas (Obl.)

Livros da entrada e saída das Oblatas:

I — 1898 a 1899 — 50 fls. Têrmos e rúb. do chefe do concelho Major Apolinário Francisco de Carvalho.

II — 1899 a 1907 — 85 fls. Têrmos e rúb. de Padre Lobo e Frias, ou seja o Pároco Padre Rodolfo Lourenço dos Mártires Francisco Caitano do Rosário Vitória Lobo e Frias.

QUINTO LÓTE: Ofícios (Of.)

Livros & Cadernos de Ofícios ou Correspondência:

I — 1846 — 11 fls. Sem numeração e sem rúb.

II — 1849 — 5 fls. Idem.

III — 1880 a 1882 — 42 fls. não rubricadas. — Fôlhas 29, verso, a 40: diversos Ofícios do pároco Padre João Cons-

tância Rodrigues. Fôlhas 41. verso, e 42: Ofícios de 5 de Março e de 7 de Maio de 1882.

A princípio, êste Livro teve outro destino: Fls. 1-29, 1866-1870, Receita e Despesa dos Cemitérios do Concelho e despesas com os Trabalhadores que fizeram a casa do pároco padre Baltasar António Teixeira Pinto. — Na fôlha 28, v., está notado que, a 8 de Maio de 1870, a administração dos Cemitérios passou a ser encargo da Comissão Municipal.

IV — 1893... — Em uso. Têrmos e rúbrica do pároco padre Manuel Joaquim Neto. — A Correspondência do Padre Ruela está registada ou arquivada da fôlha 107 à fôlha...

SEXTO LÔTE: Pastorais &

Casamentos (Pc.)

Livro único. Numeração, rúbrica e têrmos de abertura e encerramento pelo deão e vigário capitular Leonardo José Vilela, em 12 de Agosto de 1828.

Era destinado para assentos de CASAMENTOS.

Nas fls. 1-9, está a célebre Pastoral de 8 de Agosto de 1828, com 26 importantes Artigos.

Depois, até à fl. 27, v., outras Pastorais também interessantes.

Na fl. 28, estão registados 2 Casamentos, de 1835, sendo pároco o padre Joaquim José de Abreu.

No verso da fl. 28, está uma RECOMENDAÇÃO de Leonardo J. Vilela. com data de Janeiro de 1841.

Da fl. 29 à 57, verso, estão registados diversos Casamentos, de 1840 a 1873, presididos pelos Padres António João de Carvalho, Matias José Rebelo, Francisco de Assis de Andrade, Cónego Manuel Monteiro de Moraes, Cónego Domingos Pereira da Silva Sardinha, Manuel Rodrigues Ramos, António Lopes de Carvalho, Baltasar António Teixeira Pinto e Lázaro António José Luís de Sá.

SETIMO LÓTE: Óbitos (Ób.)

I — 1835 a 1862 — Com a rúb. do deão Vilela. Dois óbitos, em 1835. — No verso da fl. primeira está a RECOMENDAÇÃO respectiva do vigário capitular Vilela. — Um ób. em 1847 e mais óbts. de 1850, em 6 fls. — Mais óbts. de 1859 a 1862, em dez fls.

II — 1862-1863 — 14 fls. Sem rúbrica.

III — 1864-1865 — 15 fls. Idem.

IV — 1896 a 1899 — 9 fls. Têrmos de abert. e enc. e rúb. pelo pároco Padre Lobo e Frias.

V — 1899 — 6 fls. Idem.

VI — 1900 — 10 fls. Idem.

VII — 1901 com 17 assentos e 1902 com 11 — 11 fls. Idem.

VIII — 1903 com 2 assentos, e 1904 com 3 — 2 fls. Têrmos e rúb. do pároco Padre Carlos Francisco Pinheiro.

IX — 1905 — 2 fls. Têrmos e rúb. do pároco Padre António Moreira Basílio.

X — 1906 — 6 folhas, com 17 as. Idem.

XI — 1907 e 1908 — 6 fls. 15 mais 2 assentos. Idem.

XII — 1909 a 1911 — 6 fls. Têrmos e rúb. pelo pároco padre José Pereira da C. Frota. Seis mais sete e mais quatro assentos.

XIII — 1912 — 4 fls. Têrmos e rúb. pelo pároco Padre Agostinho de Sousa. Oito assentos.

(Continua)

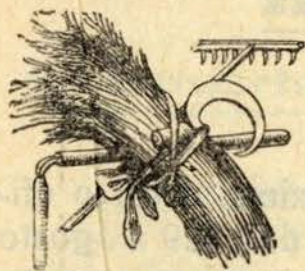


MISCELÂNEA

— de —

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

As fontes da investigação fidedigna
e imparcial, justa e honesta, leal
e concreta



NÃO BASTA POSSUIR OU CO-
nhecer os documentos dos arquivos
para a tarefa do historiador, na sua acti-
dade, ficar completa : é também indispen-
sável entender e interpretar conveniente-
mente os DOCUMENTOS, submeten-
do-os à respectiva CRÍTICA, isto-é, es-
tudar a sua época própria, a sua precisão ou significação so-
cial, a sua autenticidade rigorosa e a sua credibilidade mo-
desta e honesta.

Quási sempre, a HISTÓRIA é uma lição de Moral e de Patriotismo.

Pertencem ao brasileiro dr. Lúcio José dos Santos as seguintes linhas, prenes ou cheias de verdade literária :

— *Não se pode escrever a HISTÓRIA sem os DOCUMENTOS, com o emprêgo apenas de esquemas filosóficos, a que os factos se devem sujeitar. Vemos frequentemente êsse esforço estéril de medir a realidade por meio de abstracções.*

Pâra subir às grandes generalizações, permitindo ligar os acontecimentos no seu conjunto, dai-lhes a explicação que comportam e deduzir a lição, que encerram, — é preciso, é indispensável conhecer bem, na sua minúcia, os FACTOS, tais como se passaram. Obter aquele resultádo sem passar por êste camínho é... uma tentativa impossível.

A primeira condição, pois, de bem conhecer a HISTÓRIA consiste em reunir uma DOCUMENTAÇÃO vasta e segura.» —

Em verdade, as FONTES-HISTÓRICAS têm de ser examinadas devidamente, pâra que o investigador, e ainda mais o historiador, não se esbarre em equívocos ou escreva inexactidões ou cometa erros.

Lisboa, Dezembro 1933.

Padre RUELA.

Benfeitores da Igreja e Fortaleza

de Muxima

Desempenhámos, no Presídio de Muxima, o cargo official de pároco missionário, de Maio de 1929 a Agosto de 1933 : já tivemos a tentação... boa de organizar e escrever uma monografia histórica da região da Quiçama, porque o assúnto, além de abundante e variado, é também cheio de curiosidade.

Talvez um dia esta região venha a ter alto valor económico na vida de Angola e... mereça uma monografia própria ou especial.

A mina de sal gema na Demba, a costa desde a foz do rio Quanza até o pôrto de Santa-Cruz de Quicombo, o rio Longa, os arimos dos Padres Jesuítas nas ribeiras de Catala-Cassala, a pescaria da lagoa de Quisua, as amostras de petróleo — com tudo isto, e mais outras coisas, é tarefa fácil arranjar material para umas 200 páginas, não fantásticas mas documentadas ou reais: Cadornega, no III tómo da sua *História Geral das Guerras Angolanas*, fornecer-nos-á bom carregamento de informações de tóda a espécie ou qualidade.

Principalmente durante a ocupação holandesa, isto-é, de 1641 a 1648, foi a Quiçama testemúnha ou teatro de muitos episódios tristes e comoventes.

Quando, em Maio de 1929, chegámos à Muxima a vila era um *fim-do-mundo*, isolada por completo: à nossa saída é um lugar de verdadeiro turismo, sendo dignas de visita a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Muxima e a Fortaleza de Francisco de Navais, dois Monumentos Provinciais de valor artístico e histórico e civilizador.

Nos tempos passados, na viagem de Luanda ao Presídio de Muxima, gastavam-se 5 dias: em 1929 — dois; agora — apenas três horas, em automóvel.

Os srs. Comandante Ernesto de Vilhena e Coronel António Brandão de Melo contam-se no número dos generosos benfeitores e amigos da Muxima.

P. R.

O Santuário de Muxima, em 1813

Não deixo de pôr na Respeitável Presença de Vossa Excelência a ruína que se vai aproximando a Igreja dêste Presídio, porque, tendo o Ríó decepado a terra, hoje já está no Ríó a escada principal do Adro; e, se não houver cuidádo em se formar um PAREDÃO que impeça a água, certamente cairão as paredes da Igreja. O Vigário e a Irman-

dade não se alembam a dar, dêste facto, cõta, afim de se fazer o repáro.

(Ofício do capitão-mór do Presídio — Manuel Francisco Pacheco, com data de Janeiro de 1813, para o Governador José de Oliveira Barbosa,)

A morte do padre Machado Caramona

A êste Presídio de Muxima veio o cónego João Baptista da Silva fazer a festa de Sam-João, trazendo em sua companhia o Padre Joaquim Machado Caramona. Foi êste atacado de febres tão violentas que, não cedendo aos recursos, que, com todo o disvélo, se lhe ministraram, faleceu finalmente na noite de 26 do mês próximo passado, e pelo mesmo Cónego, como Reverendo Vigário, lhe foram feitas as exéquias devidas ao seu estado.

(Ofício, com data de 16 de Julho de 1818, do Regente de Muxima — Severino António de Sousa, para o Governador Luís da Mota Féo.)

A morte do Vigário Padre Jerónimo

Num inventário de Muxima, relativo ao ano de 1838, à margem da fôlha seis, consta que o Presidente da Junta-da-Paróquia, Moreira, deu descarga ou abateu uma alva rendada e uma casula, *que serviram de mortalha ao Corpo do Reverendo Vigário Padre Jerónimo de Carvalho, aos 28 de Fevereiro de 1840.*

Pelo menos, já foram sepultados na Muxima dois Sacerdotes.

P R.

Morcegos... históricos!!!

Conforme consta às páginas 271-274 do *Boletim Oficial*, do ano de 1868, Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão, secretário geral de Angola, visitou

o Presídio de Muxima em fins de Maio do referido ano: era chefe do concelho o capitão Miguel Dias e pároco o reverendo padre Baltasar António Teixeira Pinto.

Eis aqui as impressões de tal visita:

— «*IGREJA.* — *O templo de Nossa Senhora da Conceição de Muxima é espaçoso e pareceu-me sòlidamente construído. Encontra-se, porém, bastante abandonado. As densas nuvens de MORCEGOS: que esvoaçavam por cima da cabeça dos visitantes, e o chêiro nauseabundo e insuportável, que partia do chão coberto de imundície, tornava a demóra no templo quási impossível...*» —

No nosso tempo de pároco-missionário, gastámos e perdêmos toneladas (talvez seja de mais!... só arrobas...) de paciência pâra espantar os MORCEGOS lá de dentro: quilos de enxofre queimado, alecrim, alfazema, goma, incenso — tudo foi inútil...

Fugiam à fumaça, mas voltavam novamente.

Com a experiência própria e no estado em que está o telhado e fôrro do templo, podemos apostar em que ninguém é capaz de acabar com os MORCEGOS, detentores ou habitantes históricos da Igreja de Muxima.

— «*FORTALEZA.* — *Dirigi-me à fortaleza de Muxima, que muito desejava ver. A calçada, que a ela conduz, é por tal modo íngreme, que com muito cùsto se pode subir. A fortaleza, com seus baluartes, é, em ponto pequeno, das mais bonitas que tenho visto: forma um polígono, penso que de 5 lados. Está perfeitamente situada e é construída de pedra e cal, com bastante solidez. Infelizmente, jaz em deplorável abandonô!*

Paiol, cásas, peças, etc., etc., tudo está por terra e, não obstante, com pequena despesa, se punha em perfeito estado de assêio e no seu devido pé!...

Quando deixámos a Muxima, a 17 de Agosto dêste corrente ano de 1933, já lá estavam muitas barricas de cimento pâra consertar e aformosear a Fortaleza: tais trabalhos foram confiados à direcção do sr. administrador Francisco Martins Bragadesto, um funcionário entendido e zeloso.

P. R.

Arquivos de Angola

Há dias *lemos* no Arquivo Histórico Colonial, da Junqueira, o exemplar ou o primeiro número da publicação oficial *arquivos de angola*, que ali tem, conforme o Depósito-Legal, a marcação 33.

O diário *A VOZ*, de 3 de Dezembro d'êste corrente ano de 1933, na secção semanal *EDUCAÇÃO & ENSINO*, que muito criteriosamente dirige o sr. dr. Manuel Múrias, publicou a êste respeito, a seguinte notícia:

Arquivos de Angola, Volume I — n.º 1.º
(Outubro de 1933)

Aqui está uma publicação que só merece aplausos, e para a qual tôdas as protecções oficiais são poucas: — os *Arquivos de Angola* vindos a lume, sob a direcção do Conselho Superior de Estatística e do Corpo Docente do Liceu Central de Salvador Correia, de Luanda. (Aqui para nós: — parece-nos *direcção* a mais, e o que vale é que, por detrás, haverá algum *carola* a consagrar-se de corpo e alma à direcção.

Publica êste 1.º número dos *Arquivos de Angola* (e praza a Deus não seja o último!) 18 documentos, alguns da maior importância. Não podemos agora verificar se todos estavam inéditos. Todos são, contudo, interessantes.

O mais antigo, tirado do *Livro das Doações*, é uma carta de doação de Manuel Cerveira — de 20 de Abril de 1606; o mais recente é o de 9 de Setembro de 1800, uma *Memoria de Brant Pontes sobre a comunicação da costa oriental com a ocidental de A'frica*.

Deve confessar-se a impossibilidade de escrever em duas linhas todos os documentos publicados: — alguns mereciam longo comentário. E talvez o tenham.

Em todo o caso, o que não resta dúvida é que se trata de uma publicação benemérita e oxalá que o Governo de Angola a não desampare para ver se consegue salvar-se de completa ruína muitos e importantes documentos de apreciável valor histórico que se encontram nos arquivos de Angola — como se diz na portaria em que autoriza a publicação.

.. Que havia outras formas de salvar os papéis, se bem que esta seja excelente.

De nossa parte ou de caso bem pensado, resolvêmos náda dizer sobre êste assunto: os DOCUMENTOS ali publicados, alguns dêles, já os tínhamos lido e copiado para dar na nossa revista.

De Janeiro de 1928 a Setembro deste corrente ano de 1933, nem uma única vez tivemos ocasião de consultar ou ver em Luanda os Livros da antiga Secretaria Geral de Angola.

P. R.

A nossa modestíssima... Livraria

Os nossos Livros encheram dezanove caixotes e quatro cestos grandes. Pelo seu transporte de Luanda à Lisboa pagámos da nossa magra bolsa 530\$00. Se não tivéssemos amor entranhado a estes nossos AMIGOS LEAIS, devíamos abandoná-los nos armazens da Companhia Nacional. Quando nós dizemos e escrevemos que ANGOLA é uma terra ou... campo de... exploradores, não falta quem nos chame... pessimista!!!

Em ANGOLA só os iludidos é que são... honrados, tanto em terra, como no mar.

Pobres PRETOS...

Pobres BRANCOS...

P. R.

O precioso Livro do sr. cl. FELNER

No dia 21 de Dezembro deste corrente ano de 1933, na secção *Bazar das Letras*, o diário *A VOZ* dá a seguinte notícia da monumental obra — ANGOLA — do sr. Coronel Alfredo de Albuquerque Felner:

Angola

A Imprensa da Universidade-de-Coimbra acaba de publicar uma obra de grande porte, pelo volume material e pelo valor intrínseco. Intitula-se: — «Angola — Apontamentos sobre a ocupação e início do estabelecimento dos portugueses no Congo, Angola e Benguela, extraídos de documentos históricos, coligidos por Alfredo de Albuquerque Felner».

É um trabalho patriótico e vem prestar um grande serviço à história da colonização portuguesa.

O descobrimento e sobretudo a ocupação de Angola são pouco e mal conhecidos. Na época em que os factos ocorreram, andavam os espíritos sobressaltados com os deslumbramentos da Índia e com as riquezas do Brasil. Por isso se abandonou um pouco a A'frica, terras pobres, de gentio mais selvagem e de culturas menos remuneradoras.

Êste facto reflectiu-se naturalmente nos cronistas, que se occuparam quasi exclusivamente da A'sia e da Améfrica e esqueceram quasi por completo o que ocorreu para lá dos padrões que Diogo Cão levantou no Congo.

O sr. Alfredo de Albuquerque Felner veio, com a sua obra, trazer ao conhecimento do público (ainda hoje mais atento ou mais curioso dos factos do Índico ou da Améfrica do Sul) notícias da obra portugueza em Angola, quasi toda anónima, porém existente e muito verdadeira. E com a escassa documentação encontrada mostra que os «intrépidos exploradores», que no século passado andaram pela A'frica Austral, mais não fizeram que calcorriar as passadas de Portugal.

Para isso valeu-se da documentação conhecida e procurou outra nos arquivos nacionais, conseguindo reunir elementos valiosíssimos para a história da colonização portugueza ao sul do Zaire.

Na «Explicação prévia» deste volume promete o sr. Felner outro trabalho com documentação inédita, por ele encontrada.

Bem haja pelo seu trabalho. E bem haja a Imprensa da Universidade pela obra de cultura e patriotismo que estas edições constituem.

Ao que já dissemos em outra parte, juntamos mais estas linhas, que, por serem justas, honram muito o operoso Autor de tam gostoso LIVRO.

P. R.

«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

40)

Com muito prazer e curiosidade fizemos a leitura do terceiro número, segunda série, da interessante revista de assúntos históricos angolanos, *Diogo-Caão*, que com inteligência, erudição, paciência e tenacidade, o reverendo Padre Ruela Pombo escreve, dirige e mantém. Esta revista, farto manancial de elementos que o amor do sr. Padre Ruela pela História-de-Angola conseguiu reunir, e que entrega a público nas suas páginas, é merecidamente apreciada nos meios cultos e olhada no Congo-Belga com verdadeiro interesse por Pessoas que não desdenham de se instruir sobre os feitos dos Portugueses e sua acção civilizadora e colonizadora na A'frica, exercida desde tempos antigos e prosseguida sem desfalecimento até ao presente.

(Do bi-semanário, *Notícias de Huíla*, de 12 de Agosto de 1933).

41)

Recebemos mais um fascículo, o número 2 da II série, da benemérita revista *Diogo-Caão*, que o ilustrado missionário secular português Padre Ruela Pombo continua a publicar em Luanda. O sumário d'este número é o seguinte :

A vida administrativa, económica e militar de Angola-Menina — Catálogo dos Governadores de Angola — O deportado político dr. Seabra da Silva, nas Pedras-Negras — A prè-história do Congo-Bel-

ga — Catumbela-das-Ostras — A febre-amarela em Luanda — Pacaças & Mosquitos — A quitanda de Benguela-a-Nova — Questões Marítimas Internacionais.

Por mais de uma vez apontámos aqui a importância desta revista em que se tem recolhido muitos documentos curiosos e muitos estudos interessantes, sobre a História-de-Angola. Com a revista presta o Padre Ruela Pombo um alto serviço à cultura do País e dá um belo exemplo que oxalá fôsse seguido noutras províncias ultramarinas.

(Do diário de Lisboa, *A VOZ*, de 12 de Agosto de 1933).

42)

Recebemos os números 1 a 10 da 1.^a série, e 1 e 2 da 2.^a da excelente revista *Diogo-Caão*, de assúntos históricos de Angola, de que é director e proprietário o reverendo sr. Padre Manuel Ruela Pombo, missionário secular português. Só uma vontade, servida por tenacidade de ferro, podia dar-nos a conhecer o passado da nossa Província de Angola, levando o rev. Padre Ruela o seu tempo, no Presídio de Muxima, a vasculhar o pó dos arquivos, dando-nos uma revista, que aproveita não só aos estudiosos, mas também aos simples curiosos, pois que a todos deve interessar conhecer o passado da nossa rica Colónia.

(Do quinzenário, *Trás-os-Môntes*, órgão regional, que se publica em Lisboa, no número de 16 de Agosto de 1933).

43)

Recebemos o número 3 da segunda série da excelente revista *Diogo-Caão*, que o sr. Padre Ruela Pombo dirige. Com o seu feitio um pouco de brique-à-braque, publica informações curiosas, muitas delas inéditas — contribuições valiosíssimas para a [História-de-Angola.

(Do diário de Lisboa, *A VOZ*, de 28 de Outubro de 1933).